ATENAS. estados múltiplos do Self do Analista.

Filipe Baptista-Bastos[1]

É bom estar aqui em Évora, cidade romana, muçulmana, judia, cristã, cidade nossa. O meu texto tem o nome de Atenas por diferentes motivos, mas, sobretudo, porque no século V antes de Cristo foi onde nasceu a democracia.

Sexta-feira, dia 4 de Julho de 2025 na Assembleia da República Portuguesa:

"Vou-lhe ler os nomes (das crianças) colocadas numa escola em Lisboa no 1º Ciclo e no Pré-escolar. Vou-lhe ler os nomes! Vou-lhe ler os nomes! (bulício. Coro: "Para irem às jornadas LGBT está tudo bem?!", "Também não vai perceber os nomes!", "Ninguém vai perceber uma palavra!" diz a bancada parlamentar do Chega; "Srs. Deputados! Já chega! Já se divertiram um bocadinho, agora deixem o Sr. Deputado André Ventura falar!", diz o presidente substituto da Assembleia da República). Estes são os nomes de uma escola em Lisboa: Nazita, Radith; Saas… (é interrompido pelos gritos dos Deputados das restantes bancadas parlamentares e responde). Estás em casa? Isto é a tua casa ou quê? Isto não é a sua casa! Levantaste-te assim do nada?!" O substituto do Presidente da Assembleia da República intervém: "Sra. Deputada Isabel Mendes Lopes, também é preciso… também é preciso… todos temos de contribuir para o andamento dos trabalhos. Sra. Deputada os nomes são inidentificáveis, portanto, não criemos problemas onde eles não existem." E segue o Deputado André Ventura: "Eu sei que não querem ouvir, mas vão ter de ouvir na mesma: Nazita, Radith, Saas, Sayma, Aziz, Ahmed, Zaid, Nahab! (e colérico) estes senhores (referindo-se a crianças) são zero portugueses! E foi culpa vossa que hoje as escolas sejam isto!"

[1] Psicanalista, PsiRelacional
filipebaptistabastos@gmail.com

Olá boa tarde! Eu sou o Psicanalista do Nahab!

A palavra Nahab, em árabe, refere-se a uma pessoa nobre, distinta, mas, também, a um choro forte e profundo. O Nahab tem 9 anos, veio do Afeganistão há 2 anos. E está comigo desde aí.

A vida em Lisboa é intensa e incerta. Embora a cidade seja uma pequena capital europeia, para alguém como eu, lisboeta a trabalhar na cidade, as mudanças geopolíticas têm uma grande influência. Tudo isto, estas alterações do estado do mundo, desembocam no meu consultório num plano pequenino, num "close-up", mas a escala de uma Psicanálise é sempre pequena. É uma antropologia da intimidade. Foi por isso que conheci este menino. Um deslumbramento de criança. Trabalho há 26 anos como Psicólogo Clínico, já fui tocado inúmeras vezes, mas acho que foi a primeira vez que pensei, pensei de pensar, em adoptar uma criança – tenho dois filhos adolescentes – quando antes achava que isso era uma loucura do Analista. A Psicanálise contemporânea obriga-nos a caminhar a linha fina do não saber. O Enactment é prova disso mesmo.

Fiquei com ele porque, em Lisboa, sou um Psicanalista batido nestas questões, habituado a situações de *doença mental*, abuso, negligência e ao imponderável e, confesso-vos, isso não me honra, desgasta-me. Nahab tinha vindo com um grupo do Afeganistão para a Turquia trazido por uma máfia. Tem lampejos de estar no mato à noite, ouvir tiros e de ir parar à Grécia, primeiro a Lesbos, a um campo de refugiados, onde perdeu o Pai num incêndio, e depois a Atenas. Tinha 5 anos. Contive as lágrimas, **o meu Pai ficou órfão aos 6 anos**. não porque tenha receio em mostrá-las, mas, sobretudo, porque quero escutá-lo, o melhor que consiga, e que ele consiga falar, sem desmoronar. Estou sempre preocupado em refazer a história dele, que está estraçalhada e, a custo, vamos procurando explicar o que sucedeu. Em Atenas andou numa escola. Como era? Difícil. Não conhecia a língua, era muito pequeno e apenas falava farsi. Escasseiam palavras para aclarar.

(*Estou em Atenas com os meus filhos a correr no centro da cidade. Corremos de*

um lado para o outro e perdemo-nos e achamo-nos. Visto, de propósito, uma camisola do Liverpool que o Nahab me deu – foi a terceira vez que aceitei uma "prenda" de um paciente, nas outras ocasiões foram garrafas de vinho da Mãe muçulmana de um Paciente e uma garrafa de vinho kosher de um Paciente Judeu – e corro, com ele sempre na cabeça, a imaginar onde seria a escola de que me falou. É claro que sei das teorias sobre a constância objectal e acerca da transferência e contratransferência, mas…)

Vem para Lisboa incluído num programa de acolhimento de refugiados. A Mãe não se adapta. Passam uns meses em Berlim. "Como foi em Berlim?" "Gostei muito da escola. A comida era boa." Engulo os meus lábios. Quando volta a Lisboa a Mãe desaparece. Desaparece. E Nahab não quer saber dela. Zangado, mas sem se zangar, como na canção dos Radiohead "Specter", "I´m lost. I´m a Ghost". E está lá comigo a encantar-me, Sessão após Sessão, tal como Xerazade enfeitiçou o Sultão Xariar nas "Mil e Uma Noites", a ser amado e reconhecido. Fala português e já é o melhor aluno da escola. Hiper adaptação, escrevo para Tribunal. Mas é isso? É isto que fazemos?

A história é fragmentária e permanece suspensa e, talvez, na próxima Sessão…

(*Sexta-feira de manhã do "inda" agora, de há duas semanas. Um homem com mais 10 anos do que eu, lisboeta de gema, diz: "Viu-me na TVI? Dei uma entrevista. Não vi, podia ter-me dito, respondo. E ele continua: Disse-lhes logo – agitando-se e, à medida que o faz, o pequeno consultório fica a cheirar cada vez pior – os Ciganos não fazem nada e recebem mais de mil euros da Segurança Social e os Monhês vêm para cá e ficam 3 meses sem pagar a renda. Na rua ainda ninguém me disse nada. Se calhar ninguém viu." Digo-lhe, como vos vou dizer: "Identificação Projectiva é quando não toleramos aspectos do que somos e colocamos esses aspectos nos outros. Há 20 anos que vive de subsídios da Segurança Social, é como os Ciganos; à última senhoria que teve, antes de ir parar à rua, deu-lhe "a boca" a duas rendas. Gosto muito de si, é um homem vivido, agradável, aprazível, de quem, no geral e superficialmente, as pessoas gostam, mas você não gosta de si e está sempre a*

culpar os outros. Não gosta nada de si. Isso é uma chatice!" O general fascista espanhol Millán Astray inventou o grito: "Viva la Muerte!"[2]*, que aproximo da Pulsão de Morte freudiana*[3]*, como uma noção de vazio e fracasso existencial, procurando chegar a um estado de Ser que resulte, seja de que forma for. Se não podes ser o melhor, que sejas o melhor dos piores. A partir daqui, na Psicanálise contemporânea, surgiram múltiplas variações sobre este alongado tema, como por exemplo o: matamos partes nós próprios para sobreviver, do Michael Eiguen*[4] *ou o Estado Fascista da Mente*[5] *, um clássico moderno, de Christopher Bollas, em que ele demonstra como se pode aniquilar a complexidade e, daí, a subjectividade das relações humanas, para diminuir a angústia para onde o caos do não-saber nos encaminha*.)

•

Estamos em Sessão, numa tarde ali na avenida, calor e sol a bater na janela pequenina. O rapaz fala-me de carros e de marcas de carros com entusiasmo. Preparo-me para lhe fazer uma pergunta ou fazer um comentário, mas fico confuso, não me situo e não sei o que lhe dizer. Atrapalho-me com a mente obnubilada, zonzo, procuro ultrapassar a vaga que me estava a afogar com palavras tarimbeiras. Nem me lembro quais. Apenas sei que durante a Sessão fiz um enorme esforço para lá estar. Dissociação, Clivagem, dor mental, como diriam os mais radicais da psicologia. E vejo, como posso ver agora, a cara bonita, mas impassível que ele apresenta. Uma cara distante, estranha para nós e cambaleio dentro de mim, fazendo a mesma cara que ele, por fora. Esperamos e medimos a nossa possibilidade de entrar em contacto com a violência a que ele foi sujeito. Temos medo e fugimos disso. Acho que tem de ser assim por uns tempos.

(*Fim da Primavera na Grécia. Está um calor tórrido na estrada 21. Passando por Preveza, a caminho de Janina, um SUV Mercedes EQS ultrapassa-me numa*

[2]"Cultura de Direita", Furio Jesi, Edições 70, 2023, pág. 53.
[3]"Para Além do Princípio do Prazer", Sigmund Freud.
[4]"Locura, Fe y Transformación: Los Seminarios de Eigen en Seúl, 2007 y 2009 (Pensamiento Relacional), Michael Eigen, Agora Relacional.
[5] The Christopher Bollas Reader, Christopher Bollas, Routledge, 2011.

curva fechada, sem visibilidade e, por pouco, não tem um embate frontal com um camião. Tudo é tão rápido que ninguém da minha família, que vai comigo no carro alugado, tem tempo para ter medo. Rápido demais para mentalizar; processar; integrar; inteligir ou como se possa dizer. O que levará alguém a colocar a própria vida e a de vários outros em risco de forma tão supérflua? O que vale uma vida? E tantos que arriscam a vida, atravessam o Mediterrâneo ou procuram chegar à Turquia, entrar na Europa continente adentro, para sobreviver. Milan Kundera no romance A Lentidão (p.6) escreve que "A velocidade é a forma de êxtase com que a revolução técnica presenteou o homem. (…) Tudo muda quando o homem delega a faculdade da velocidade a uma máquina: a partir de então, o seu próprio corpo sai do jogo e ele entrega-se a uma velocidade que é incorpórea, imaterial, velocidade pura, velocidade em si mesma, velocidade êxtase. Curiosa aliança: a fria impessoalidade da técnica e as chamas do êxtase."

Vazio! O vazio burguês. "Dentro da sociedade burguesa, a lei do eterno retorno determina a modalidade de cristalização das fórmulas ideológicas, pelo menos nos olhos de quem as observa." (Furio Jesi, *Spartakus*, p.47). "O *tempo normal* é não só um conceito burguês, mas o fruto de uma manipulação burguesa do tempo" (Furio Jesi, *Spartakus*, p.85). No trauma, o recalcamento não tem tempo. Está no contacto, no corpo, nas acções, na forma como se vive. "O recalcado não é o sepulto, o enterrado, simultaneamente mantido intacto e inerte, força activa que dissimula, deforma e nunca deixa de estar em acção no presente." (J. B. Pontalis, *Perder de Vista. Da fantasia de recuperação do objecto perdido*, p.166). Com isto quero dizer-vos que o meu trabalho é um Enactment contínuo, em que todas as relações passadas enformam no consultório e tornam-se relações presentes entre Analista e Paciente. Ambos se entrelaçam como são ou possam ser naquele momento. E haverá a ideia de que teremos de renunciar ao nosso comum modo de relação e, ao fazê-lo, deprimimo-nos. Fairbairn, nos *Estudos Psicanalíticos da Personalidade*[6], cria a

[6] Estudos psicanalíticos da personalidade. William Ronald Fairbairn. Veja, 2000.

ideia de Defesa Moral, explicando que nos tornamos responsáveis pelo que é mau, tornando-nos maus, para defender os nossos Pais. Klein, inventa a Posição Depressiva, em relação à qual, Ogden, no livro *A Matriz da Mente* (pág.88), nos acautela, **como Tirésias previne Tebas**: "o perigo a que o sujeito se expõe ao entrar no mundo dos seres humanos (…), é o de sentir preocupação por pessoas sobre as quais não tem controle. Portante, o sujeito se abre à possibilidade de ser abandonado (física e emocionalmente) pela outra pessoa. Na posição depressiva, o sentimento de solidão é gerado e mantido pela primeira vez." Muito bem. Faz todo o sentido e é algo próximo do amadurecimento, de uma outra relação com o mundo, é o "Surrender" de Emmanuel Ghent[7]. Mas, numa relação, como a que descrevo, como se faz? Acede-se à posição depressiva? Isto é assim, tens uma vida que acabou antes de começar e, cada vez mais, os tempos não te são favoráveis. Encontra uma via na Europa; faz um curso, adapta-te; acultura-te; sê bom rapaz!; faz o luto de tudo isso que não sabes e não sabemos o que é e segue. A "justiça cósmica", da qual António Gramsci falou nas "Cartas da Prisão"[8] não existe. Ficamos ali os dois, eu e o Nahab, a sonhar um sonho impossível, a sentirmo-nos agredidos pelos malcriados, numa "folie à deux", procurando escapar à impotência do Analista em relação a um mundo, tremendamente, injusto e desigual, para o qual não tenho solução, mas, frágil e lutando, proponho uma alternativa: uma Psicanálise. E essa Psicanálise, não se esconde, ou talvez se esconda quando está aflita e lambe feridas, mas não vem com truques, nem magias, não se sobrepõe ao outro. É uma Psicanálise que cambaleia, tropeça e levanta-se. "O que importa não é estarmos zangados, é estarmos zangados com as coisas certas", escreve Philip Roth no romance "Casei com um Comunista" (pág.96). Se a burguesia não escuta[9], temos nós, burgueses ou aburguesados, de escutar dentro e fora

[7] "Masochism, Submission, Surrender—Masochism as a Perversion of Surrender". Emmanuel Ghent. Contemporary Psychoanalysis, págs. 108-136. Volume 26, Issue 1,1990.
[8] Cartas da Prisão. António Gramsci, VS editor, 2025.
[9] Spartacus. Furio Jesi, VS editor, 2023.

do consultório. Com o passar dos anos, tenho aprendido que o consultório não é tão sagrado e inexpugnável como idealizei e, ainda hoje gosto de imaginar que é. O consultório é uma oficina, uma pequena oficina de emoções onde não se pode fazer simples o que é complexo, mas tentamos, sem populismo, até porque é um "pas de deux".

•

"Vai haver uma festa com máscaras, **o meu consultório está enfeitado com várias máscaras, pousadas nas estantes, tenho-as para me interpelar,** (O Halloween!, interrompo), sim, acho que é isso. E, à noite, vamos bater à porta das pessoas e pedir doces. Isso é assim? Mais ou menos, respondo. Acho que sim. Vivi num prédio grande e os miúdos andavam para cima e para baixo a pedir doces e nós dávamos chocolates e rebuçados. Quando era miúdo não me lembro de haver isso. Mas miúdos andarem à noite… não é perigoso?, pergunta. Aqui em Portugal não… (falta-me o ar e fico suspenso a olhá-lo e penso em tudo o que sei que ele viveu e digo-lhe em jorro:): tenho um profundo respeito por ti, nunca vivi o que viveste e és uma criança. O mundo tem situações muito más e injustas, sabes isso desde sempre. Por isso, dizer que aqui está tudo bem, não é verdade em relação à tua experiência." Nahab começa a chorar e não deixa passar muito tempo e diz-me: "Estou a chorar, mas não é de tristeza, é de alegria, porque ninguém me tinha dito que tinha respeito por mim. Pensei que sabias, digo atrapalhado, desculpa por nunca te ter dito. Não faz mal, responde-me."

Assembleia da República Portuguesa, quarta-feira, dia 29 de Outubro de 2025, o deputado Filipe Melo levanta-se do lugar e gesticula cuspindo à deputada Eva Cruzeiro a seguinte frase: "Vai para a tua terra! Chega!" A deputada Eva Cruzeiro, uma mulher negra, defendia a regularização de emigrantes que já trabalhavam e descontavam para a Segurança Social.

Neutralidade psicanalítica? Nunca! É um disparate. Fazemos parte de um mundo a correr rápido, não conseguimos, omnipotentemente, travá-lo. Temos de tomar posição. Se há quem se liquidifique no vazio, nós Psicanalistas, temos uma identidade forjada na liberdade e é aí onde estamos e nos encontramos.

(*Um paciente exalta-se: "Não! Não! Isso não Filipe! Agora vou eu falar!" ao longo dos anos, houve um muito bom entrelaçamento entre mim e esta pessoa. Os meus tempos e momentos de vida ajudavam-me a compreendê-lo e a ter a convicção – que não me é assim tão comum – de que o estava a ajudar (dirimir sintomas e fazer significativas alterações de vida). O único aspecto que me parecia por resolver era uma angústia de separação identificada. Conservadorismo, mesmo quando as mudanças já estavam feitas, a cabeça ficava lá atrás. Mas lá íamos, vagarosos, descortinando os episódios e/ou contextos que originavam ansiedade ou depressividade. Isto até ao dia em que, solto e tranquilo, me referi ao genocídio na Palestina. O genocídio na Palestina foi uma forma de me dar e a possibilidade de ele aceder ao outro. E pularam todas as melgas sugadoras que se identificam ao agressor, para não ser agredidas. E que dor causam. Em nós e no outro.*)

Ser Psicanalista é uma profissão de risco, físico, moral e mental. Na verdade, estabelecemos relações com poucas pessoas ao longo da nossa curta vida. Em quantas Psicanálises participarei? Contando com as duas em que fui Paciente. Não nos podemos calar. É uma cobardia fazê-lo. Nós sabemos as histórias adentro, somos testemunhas, sem as devassar, não podemos encobri--las. A relação que fazemos em Terapia gera um conjunto de possibilidades incontrolável, o que torna este trabalho revolucionário, por isso é que demora tanto tempo, pois luta contra forças conservadoras e fascistas que estão dentro e fora de nós. Hoje estas forças estão mais presentes nas ruas, quando pensávamos que só faziam parte da memória, e por isso é que o mais terno e carinhoso abraço ao Nahab é indispensável.

Quem ler este artigo, que tentarei publicar em papel, em algum lado, peço-vos que acompanhe a leitura com a música Exodus dos Três Tristes Tigres com a A Garota Não.

Muito obrigado por me escutarem,
Filipe Baptista-Bastos,
Évora, 15 de Novembro de 2025.

Dedicado ao meu Avô José Gonçalves Calado e ao meu Pai Armando Baptista-Bastos que pagaram caro ser democratas antifascistas.

Bibliografia

Bollas, C. (2011). *The Christopher Bollas reader*. Routledge.

Eigen, M. (2014). *Locura, fe y transformación: Los seminarios de Eigen en Seúl, 2007 y 2009* (J. J. Martínez Ibáñez, Trad.; Pensamiento Relacional, Vol. 11). Ágora Relacional.

Fairbairn, W. R. D. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Veja. (Obra original publicada em 1952)

Freud, S. (2009). *Para além do princípio do prazer*. Relógio D'Água. (Obra original publicada em 1920)

Ghent, E. (1990). Masochism, submission, surrender: Masochism as a perversion of surrender. *Contemporary Psychoanalysis, 26*(1), 108–136.

Gramsci, A. (2025). *Cartas da prisão*. VS.

Jesi, F. (2023). *Cultura de direita*. Edições 70.

Jesi, F. (2023). *Spartakus: Simbologia da revolta* (J. Coles, Trad.; A. Cavalletti, Pref.). VS.

Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. Em *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921–1945*. Imago. (Trabalho original publicado em 1935)

Kundera, M. (2011). *A lentidão* (M. L. N. da Silveira & T. B. C. da Fonseca, Trads.). Companhia das Letras.

Ogden, T. H. (1996). *A matriz da mente: Relações objetais e o diálogo psicanalítico*. Casa do Psicólogo. (Obra original publicada em 1986)

Roth, P. (2010). *Casei com um comunista*. Dom Quixote.